

Antiguidade é Posto

Ruy do Carmo Póvoas*



Em sua obra *A poética do espaço*, Gaston Bachelard¹ afirma: “Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se”. A que se refere Bachelard quando usa a expressão *morar*? O que é saber encolher-se? O que tem isso a ver com envelhecimento? E ainda: que tem isso a ver com africanidade? De relance, essas questões parecem pedras jogadas ao acaso, valores sem nenhuma correlação. Então, tornam-se necessários dois movimentos para compreendê-las: aproximar-se e afastar-se. Não é assim que fazem os idosos, quando querem enxergar com mais nitidez? O primeiro movimento promove familiaridade com a frase, centrada nos verbos “mora” e “soube encolher”. O segundo movimento, o do afastamento

das formas que compõem a frase, possibilita o entendimento centrado na significação.

Esse jogo de aproximação e recuo faz lembrar a idéia dos campos lingüísticos. J. Trier,² um teórico da Lingüística, concebeu a idéia de que “uma dada esfera conceitual é recoberta por um conjunto de palavras; esse conjunto de palavras constituiria um campo lingüístico no interior do qual os elementos se estruturam e se organizam, de forma que cada elemento delimita os demais e é por eles delimitado.” A partir de tal interpretação, é possível compreender que o léxico utilizado para expressar um conceito revela um alargamento, enquanto o conceito, em si, é condensado.

* Mestre em Letras Vernáculas, UFRJ; Coordenador do Kàwé - Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, UESC

¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. R. F. Kuhnen, A. C. Leal e L. V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 109.

² Confira: MARQUES, Maria Helena Duarte. *Estudos semânticos*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976, p. 65.

Em Língua Portuguesa, por exemplo, a ação de MORAR se manifesta através de vários nomes: dono, habitante, inquilino, locador, locatário, morador, proprietário, senhorio. A cobertura pode ser ampliada, se lembrarmos que essas palavras nos remetem a abrigo, apartamento, apart-hotel, barraca, barraco, cabana, casa, castelo, choupana, cobertura, condomínio, duplex, edifício, favela, granja, hotel, loja, mansão, moradia, oca, palácio, palacete, pensão, porão, pousada, quarto, quitinete, residência, sítio, sótão, subsolo. E como existe muita miséria no Brasil, ainda é possível lembrar de casebre, cubículo, lixão, marquise, ponte, rua, sarjeta. Esse léxico farto indica a importância do conceito de morar. Mesmo, conforme afirma Lyons,³ “uma língua não fornecerá uma palavra denotando qualquer objeto ou classe de objetos cuja existência a sociedade que fala essa língua não reconhece.” Fazer levantamento de um campo lingüístico a partir de uma dada esfera conceitual, é um bom exercício para quem estiver na Terceira Idade e deseja exercitar a memória, espécie de musculação para a mente, portanto.

Por sua vez, ENCOLHER é um conceito que pode ser recoberto por... Que tal, você passar algum tempo tentando levantar palavras que possam fazer essa recobertura? Vamos tentar? O que de-

sejo aqui, no entanto, é examinar o conceito MORAR. Na nossa cultura (ocidental, sul-americana, brasileira), a primeira palavra trazida à mente é CASA. Sim, o sonho que tem de se concretizar até os 40 anos. Caso contrário, uma frustração enorme, um medo tirano, uma sensação de fracasso podem nos levar à auto-subestima. E aí, toda a nossa vida fica comprometida. A casa é símbolo de segurança, sucesso, conquista, vitória. É uma das garantias para a velhice independente, longe do pavor daquilo que se entende, no Brasil, como morar de aluguel ou morar com a nora, ou com o genro. Ou, mil vezes pior, ainda: terminar os dias de vida num abrigo de velhos.

Há uma outra casa, tão ou mais importante do que a que nos serve de moradia. Essa outra casa, no entanto, todos recebem uma, de um modo democrático, sob um critério rigorosamente universal: o corpo. Quando as pessoas se dão conta de si mesmas, já estamos morando num corpo. E passamos a inscrever nele todas as marcas de nossa aventura na existência. A convivência entre o dono e esta outra sua casa é tão íntima, que fica impossível dissociar os dois valores: a moradia e o morador.

A partir da própria cor com que a genética pintou o exterior dessa casa e a depender da cultura, onde o dono da

³ LYONS, John. *Semântica*. Trad. W. Ramos. Lisboa: Presença, 1980. p. 204.

casa se desenvolva, haverá mais ou menos complicações. Outro predicado que vai influenciar muito na vida do dono da casa é o gênero ao qual ele pertence. Há países em que a casa deve ficar toda coberta o tempo todo, se for uma casa do gênero feminino. Há assuntos seríssimos a considerar, pois há grupos religiosos que proíbem o empréstimo, o aluguel ou até mesmo a doação da casa/corpo. Daí, para que possamos fazer trocas que nos tragam certas seguranças, é necessário saber encolher. Claro que a maioria não encolhe a si mesmo. A ação sempre é exercida por uma outra pessoa. Sabe? Há valores que viraram pedra de rumo. Alguns exemplos: "Ai das mulheres sem homem; ai dos homens sem mulher." "Só me caso, se for com homem rico." Muitos que pensam assim julgam que o conceito de vencer está ligado ao de esticar-se. E o sucesso é sempre medido pelo grau de invasão do espaço alheio. Por isso mesmo, é preciso construir mais um compartimento na casa para abrigar a empregada, esticar a pele para que esta pareça mais nova, expansiva, sedutora, apta para conquistar espaços maiores.

Os que sabem encolher, em primeiro lugar, encolhem a si próprios. Por isso mesmo, criam seus filhos para o mundo, pois jamais imaginam tornar-se fardo para os parentes carregarem. Orga-

nizam seu mundo particular de maneira independente, quer sejam solteiros ou acompanhados. Vivem com quem gostam. Não governam o destino alheio. Aceitam a existência como ela é. Não se tornam vigia do outro, não ensinam Deus a governar o mundo e deixam saudades quando morrem, pois souberam compreender a finitude do humano. Aceitaram que o corpo, nesta existência, não passa de uma casa emprestada, em cujas paredes, externas e internas, o Tempo vai registrando sua passagem em segundos, horas, dias, semanas, meses, anos, décadas. E Bachelard ainda acrescenta que "encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar."⁴

É aí que entra o conceito de Terceira Idade. É um tempo em que a mesma casa passa a ter novos predicativos. Que tal um outro exercício? Desenhe um círculo e ponha no seu centro a palavra CORPO. Puxe setas ao redor do círculo, como se estivesse desenhando um sol. Escreva na ponta de cada seta um novo predicativo que seu corpo ganhou com a passagem do tempo. Que tal fazer isso para cada 10 anos que você já viveu? Tente. Você terá surpresas, garanto.

É possível que você compreenda a importância do valor da aceitação. Esse valor não pode e não deve ser confundido com conformismo ou acomodação. A cada predicativo que o Tempo acres-

⁴ Idem, ibidem

centa a nosso corpo/casa, uma nova maneira de cuidar da casa/corpo se impõe. Antes, gestos largos, viradas bruscas, saltos impensados, comer de tudo a qualquer hora, subir e descer escadas saltando degraus. E quando a casa/corpo/casa ou o corpo/casa/corpo estiver na sua terceira versão? Eis mais um exercício. Escreva uma carta a um(a) colega que você não vê há 20 anos. Relate o que você deixou de fazer. Inventarie o que você passou a fazer. Depois leia e releia devagar. Certamente, você descobrirá motivos de muitas alegrias, naqueles pontos que demonstram onde você soube encolher-se. E essa alegria vai fazer você ter vontade até de dançar. Duvida? Experimente, então.

É também por isso que os afro-descendentes gostam tanto de dançar. Principalmente o povo de terreiro. Antes de tudo, eles acreditam em divindades que dançam. Até mesmo aqueles orixás considerados os mais antigos, os mais velhos, os mais idosos dançam. E dançam com elegância, com ritmo próprio de quem carrega o corpo/casa através das décadas. E o mais interessante é que os orixás mais idosos, quando incorporados, isto é, encolhidos nos humanos, só dão um passo apoiados nos mais novos. Mas quando entram na roda para dançar, eles não se apoiam em ninguém. Dançam soltos e nunca se desequilibram. Pouco importa se estejam manifestados numa pessoa jovem ou numa pessoa idosa, a imagem arquetípica que eles assumem é sempre da senioridade,

do antigo, do idoso, daquele cuja casa o Tempo envergou a cumeeira, isto é, a coluna. E é essa postura que lhe confere respeito e admiração, pois aquele cuja coluna ainda não foi vergada pelo Tempo, numa postura de veneração à vida, ainda não sabe das coisas.

Os participantes das comunidades de terreiro veneram o antigo como uma forma de preservar a memória. Constituindo-se numa cultura que prioriza o oral sobre o escrito, o povo-de-santo zela pelos seus mais velhos, os antigos, os idosos, que são considerados verdadeiras bibliotecas orais. Isso confere ao idoso do terreiro uma tranqüilidade: ele se torna alvo da estima, da consideração, do apreço e até mesmo de certa veneração. Ele fará o que quiser, quando quiser e ninguém ousará repreendê-lo, a não ser outro mais idoso. Não se ensina ao mestre; ao contrário: aprende-se com ele. Não se abençoa o mais velho; ao contrário: pede-se a ele a bênção do seu axé acumulado durante décadas de existência. Certamente, nem todos que envelhecem dentro de um terreiro de candomblé também escalaram os postos mais altos da hierarquia religiosa. Dito assim, parece que haveria idosos mais respeitados do que outros. Não é verdade, não é assim que acontece. O conceito de antiguidade é amplo e abarca construções, plantas, árvores, bichos, pessoas. Acredita-se que o tempo marca os seres e as coisas, conferindo-lhes axé, a força responsável pelo devir. Então, os antigos ocupam um

posto: o de ser antigo. E, por isso mesmo, são tratados com respeito, cuidado e carinho, seja qual for a sua posição hierárquica, ou mesmo que não a tenham. O Tempo já lhes conferiu o posto maior: a antiguidade. E essa antiguidade está inscrita a olhos vistos no seu corpo/casa, fazendo de sua casa/corpo o receptáculo da experiência de ter vivido. Por isso mesmo, eles, os antigos do terreiro, também moram com intensidade numa outra casa: a da consideração de todos

os componentes do candomblé ao qual pertencem. E essa consideração se transforma em memória, quando o idoso é chamado para morar numa outra casa, o *orun*, o universo paralelo. Isso se deve, em grande parte, ao reconhecimento dos que ficam no *aiyê*, a terra da vida, aos antigos, pois eles preferiram envelhecer junto aos que ainda eram mais-novos, ensinando-lhes com seu exemplo o difícil exercício de aprender a encolher-se.